GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS EM DIÁLOGO

DIÁRIO – 14 de outubro de 2025

Apresentadores/*Autor*/Participantes:
Josiane e Thiago/*Bruna*/André, Augusto, Cristiane, Daniele, Larissa, Laíza, Lucas P., Thalía

Referência

TORRES, C. A.; O'CADIZ, M. P.; WONG. P. L. Reorientando o currículo: o Projeto Interdisciplinar. In: _____. Educação e Democracia: **A práxis de Paulo Freire em São Paulo**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002.

Os apresentadores iniciaram o encontro com a socialização dos gepecidianos que participaram de eventos na última semana, a fim de compartilharem as experiências vivenciadas e fazerem comentários sobre os trabalhos apresentados. Cristiane iniciou destacando que no XI Congreso Internacional Sobre Formación de Profesores de Ciencias se dedicou a ouvir as falas de colegas da América Latina, enfatizando os pensamentos de colegas chilenos e argentinos, por exemplo. Considerou suas linhas de pensamento próximas à nossa, no que diz respeito às pesquisas. Conforme aponta Cristiane, eles pensam criticamente, de modo que poderíamos ter diálogos muito produtivos com estes pesquisadores. Nesse sentido, seria interessante estreitarmos estes vínculos, por exemplo, através de bancas de mestrado e doutorado.

Ainda sobre este evento, Daniele fez referência à oficina sobre Análise Textual Discursiva (ATD) a qual participou e, a partir de um diálogo com o professor Sebastião Moura (Instituto Federal do Pará), surgiu a possibilidade de fazermos trocas entre os grupos acerca das experiências com ATD e com a utilização de *softwares* de análise qualitativa. Josiane, que também participou do evento, abordou sobre as pesquisas que discutiam sobre a Inteligência Artificial (IA) e mencionou que na oficina em que ela participou sobre o assunto foi possível perceber que as pessoas, de modo geral, ainda estão presas a um "senso comum" sobre a utilização da IA no contexto pedagógico. Cristiane destaca que tudo o que temos discutido enquanto grupo contém uma vertente política muito forte e que, tomando como exemplo a IA, existem colegas no nosso entorno que a utilizam e a têm simplesmente como uma ferramenta. Thiago, que participou do Encontro Estadual de Ensino de Física, afirma que, em sua compreensão, todas as explanações versaram acerca desse assunto (IA), entretanto, não houve muito espaço para diálogo. Sobre o Encontro de Debates sobre o Ensino de Química, André ressaltou que apesar de ser um evento regional, ele recebe pessoas de outros estados e até de outros países, sendo pensado e construído para todas as linhas de

pesquisa. Destacou que a primeira palestra causou um pouco de estranheza à comunidade de educadores em Química, visto que abordou um viés de pesquisa e inovação mais voltada para o desenvolvimento tecnológico com grandes financiamentos, distanciando-se um pouco do Ensino de Química. Como fechamento deste primeiro momento, Thiago apontou a importância de dialogarmos sobre os eventos para nos inteirarmos dos assuntos das áreas individuais, mas também da Educação em Ciências como um todo, e destacou que as áreas parecem estar em sintonia.

Na continuidade, os apresentadores trouxeram as seguintes questões: "A partir dos nossos relatos, houve discussões (mesas redondas, minicursos, trabalhos) que versaram sobre interdisciplinaridade nos eventos ou sobre o potencial de discussão interdisciplinar? Considerando que temos buscado dialogar aqui, enquanto grupo, permeia a discussão curricular, os diálogos presentes nos eventos permearam discussões curriculares?" Josiane fez referência a diálogos, no geral, muito limitados à área das Ciências e exemplificou um almanaque que foi discutido na sala em que seu trabalho foi apresentado. Tratava sobre a unidade temática Matéria e Energia da Base Nacional Comum Curricular, envolvendo apenas os componentes curriculares da Física, Química, Biologia e Matemática, sendo essa a única discussão considerando a temática da interdisciplinaridade na sala.

Laíza destaca sua percepção sobre a interdisciplinaridade como uma preocupação muito grande para quem está na prática em sala de aula, mas que tem deixado de alcançar o meio acadêmico, pois parece se tratar de um assunto que já está "ultrapassado". Cristiane entende que quando há a percepção sobre esse silenciamento acerca da interdisciplinaridade nos eventos, é porque esse conceito foi naturalizado, de modo que a área não compreende bem o que ele significa, conceitualmente, mas também não há o interesse em compreendê-lo e defini-lo a fundo. Josiane comenta que as Políticas Públicas (PPs) têm o poder de direcionar o foco das pesquisas e pode ser isso que ocorre com a interdisciplinaridade, por isso ela foi foco de investigação tão grande durante um determinado período e agora não é mais.

Nesse sentido, os apresentadores propuseram a primeira dinâmica do encontro: em duplas, pensar em um questionamento/reflexão sobre o texto para ser debatida no grande grupo. Quatro questões foram compartilhadas no *site Mentimeter*. Inicialmente discutiu-se em conjunto as seguintes: "*A estrutura da escola como conhecemos hoje, com períodos de 45, 50 minutos, é viável para se desenvolver um projeto interdisciplinar como o do projeto Inter*?" e "*Mediante as limitações políticas e organizacionais da escola, de que forma podemos*

convencer e mobilizar a comunidade escolar a realizar atividades interdisciplinares? Nos falta coragem? Abertura?". Lucas considera que tais questionamentos vão ao encontro do que o grupo já vinha discutindo nas semanas anteriores, ou seja, para que a interdisciplinaridade seja realmente possível, assim como o trabalho com Temas Geradores é necessário uma PP por trás, como ocorreu na cidade de São Paulo. Bruna comenta, acerca da primeira pergunta, que ela tem pensado sobre a estrutura da escola de hoje não funcionar, com períodos de tempo fracionados para cada disciplina e, consequentemente a limitação dos professores no trabalho coletivo em sala de aula, algo que vai contra a nossa concepção interdisciplinar.

Cristiane, para corroborar com possíveis respostas aos questionamentos, realiza a leitura de um trecho de outro capítulo do livro e faz um paralelo com a experiência vivenciada pelo GEPECiD com o PIBID-Física, na qual houve muitos movimentos de resistência, mesmo sendo um coletivo de pessoas tão pequeno em comparação àquele do projeto Inter. Cristiane ressalta que foi possível seguir em frente naquele contexto, pois éramos um coletivo que acreditava naquilo que estava sendo construído e é isso que se faz necessário para que haja outras experiências. Em suas palavras "[...] é muito sobre ter um coletivo e acreditar que é possível, e se apoiando perante os desafios, pois nunca vai ser fácil". Thalía destaca a importância da formação ao longo do processo, pois para acreditar em algo é necessário conhecê-lo.

O próximo questionamento discutido foi "*Considerando o pensamento de Fleck, qual a situação atual da interdisciplinaridade enquanto estilo de pensamento? É necessária a transformação do EP*?". Bruna questiona se realmente há um Estilo de Pensamento (EP), considerando que são tão diversas as concepções existentes sobre esse conceito. Cristiane concorda, afirmando que a interdisciplinaridade faz parte de um determinado EP, como o da Abordagem Temática (AT), por exemplo. Em consonância, Lucas entende que talvez já tenha existido um EP sobre interdisciplinaridade, como na época dos autores Japiassu, Fazenda, Pombo, que ainda discutiam a interdisciplinaridade como uma "metodologia", entretanto, esse possível EP foi perdendo força ao longo do tempo e foi sendo incorporado em outros EPs. Cristiane salienta que, mesmo se houve ou se ainda há um EP da interdisciplinaridade, não se faz necessária sua transformação, considerando que ainda não se chegou num ideal para o que compreendemos como interdisciplinaridade. Lucas entende que o grupo, de forma geral, tem uma concepção de interdisciplinaridade a qual gostaria de conceituar melhor em termos de escrita acadêmica e Cristiane complementa afirmando que a interdisciplinaridade não nos

configura como um problema de pesquisa, no sentido de ser um obstáculo para que novas pesquisas sejam desenvolvidas e, por isso, não consiste em um EP em transformação. Larissa compartilha sua compreensão de que há um problema ainda não percebido pelo coletivo em torno do conceito de interdisciplinaridade, já que ela se tornou objeto de estudo para o grupo nesse semestre. De forma geral, o grupo considera possuir uma definição clara sobre esse conceito e a prova disso é que um dos exercícios ao longo do semestre foi justamente o de fazer o resgate das nossas compreensões, na tentativa de aumentar o repertório teórico do coletivo acerca dessa definição. Dessa forma, é importante destacar que buscar melhorar o repertório teórico é diferente de termos um problema de pesquisa para resolver.

Acerca da última questão, "*A partir da leitura, percebe-se a ausência de uma metodologia de análise para a chegada aos Temas Geradores, como seria o trabalho usando a ATD, no contexto do Movimento de Reorientação Curricular?*", fica claro para o coletivo que não é necessária uma metodologia de análise para a chegada aos TGs e fica a reflexão de como seria desafiador inserir o trabalho com a ATD, consistindo em mais uma etapa neste percurso com os educadores que já estavam passando por um processo de aprendizado sobre o trabalho com TGs. Thalía compartilha o seu olhar por meio de sua experiência no contexto do PIBID, no qual o processo de obtenção de TGs articulado com a ATD parece se relacionar muito bem.

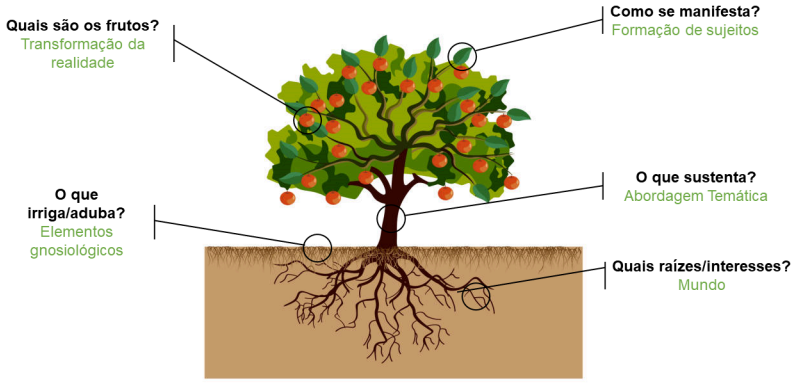
Como segunda dinâmica para o encontro, os apresentadores propuseram a "Dinâmica da Árvore", que surge de uma metáfora do próprio capítulo lido e diz o seguinte:

> Enraizado no solo rico da cultura dos estudantes, o tema gerador servia de tronco da árvore do conhecimento que brotava deste processo de construção curricular, adubada com a investigação inicial sobre a realidade da comunidade, estendendo-se os ramos Pas diferentes áreas do conhecimento, procurando as ligações necessárias para melhor compreenderem a realidade de onde partiram. Isto, porém, não acontecia ao acaso; a proposta de construção do currículo sob o Projecto Inter seguia passos metodológicos específicos que conduziam o processo. (TORRES; O'CADIZ; WONG, 2002, p. 139)

Cristiane entende que o que sustenta a "árvore" está intrinsecamente relacionado aos frutos, pois se o que sustenta é a realidade/mundo, por exemplo, ela é entendida como ponto de partida, mas também de chegada. Em seguida, discutiu-se onde as PPs poderiam ser incluídas no esquema, de forma que alguns membros do grupo entenderam que elas poderiam constituir as raízes da árvore, enquanto outros compreendem que as PPs fazem parte do todo. Nesse sentido, Laiza compartilha sua compreensão de que, nesse caso, as PPs poderiam representar as sementes, pois semeiam/possibilitam que tais práticas aconteçam. Lucas

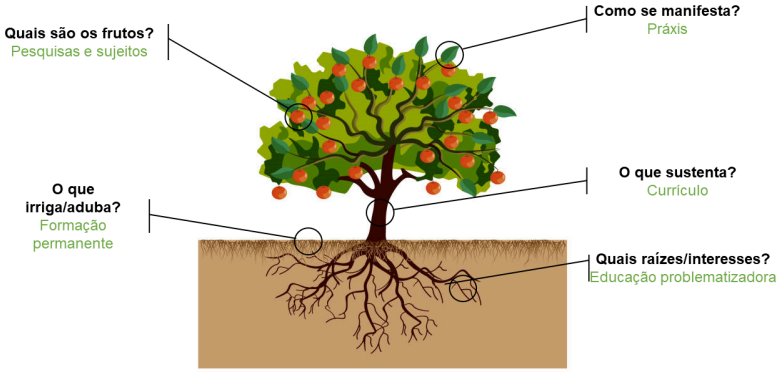
argumenta que é muito diferente tentar articular o projeto Inter e as nossas práticas à árvore. Desse modo, ao focarmos nossos esforços em construir a árvore a partir das nossas práticas, chegamos no esquema 1, abaixo.

Figura 1: A árvore da Práxis



Porém, também nos debruçamos em tentar construir a árvore a partir das nossas concepções teóricas, o que resultou no esquema 2.

Figura 2: A árvore da Teoria



Ao final, foi discutido ainda que uma possibilidade seria compreender que as PPs poderiam ser incluídas no esquema como o próprio solo, ou o Sol, considerando que são esses dois elementos que possibilitam à árvore crescer e se desenvolver.